

“A Armadilha” – H.P. Lovecraft e Henry S. Whitehead**Tradução: Mário Jorge Laila Vargas****A ARMADILHA**

Numa quinta-feira matinal de dezembro tudo começou com aquele movimento errático que pensei ter visto em meu antigo espelho de Copenhague. Algo me pareceu se mexer e refletir no vidro. Entretanto eu estava só em meu quarto. Parei e olhei atentamente. Mas, achando que o efeito seria pura ilusão, continuei penteando o cabelo.

Descobri o antigo espelho coberto de pó e teia de aranha num anexo dum edifício da assembléia legislativa estadual abandonado no território nortista escassamente povoado de Santa Cruz e o trouxera de Ilhas Virgens a Estados Unidos. O admirável vidro estava escurecido por duzentos anos de exposição a um clima tropical e o gracioso ornamento, ao longo do topo da armação dourada, estava rachado. Destaquei os pedaços fixados atrás na armação antes de os guardar com meus outros pertences.

Agora, vários anos depois, eu passava metade do tempo como convidado e metade como tutor na escola particular de meu velho amigo Browne, numa ventosa encosta de Coneticute. Tinha a minha disposição uma das alas abandonadas, que era utilizada como dormitório. Meus aposentos consistiam em dois quartos e um pequeno vestíbulo. O velho espelho, alojado com cuidado entre colchões, foi o primeiro de meus pertences a ser desempacotado quando cheguei. O coloquei em lugar de honra, em cima dum velho painel de pau-rosa que pertencera a minha bisavó.

A porta de meu quarto era exatamente oposta à da sala de estar, separadas por um vestíbulo. Percebi que olhando em meu espelho da cômoda eu podia ver o espelho maior através das duas entradas, onde se refletia um assintótico corredor. Nessa manhã de quinta-feira tive a curiosa impressão dum movimento embaixo do corredor normalmente vazio, mas, como eu disse, logo descartei tal impressão.

Quando cheguei à sala de jantar achei todo mundo reclamando de resfriado e soube que o sistema de aquecimento da escola estava temporariamente desligado. Sendo especialmente sensível a baixa temperatura, isso me causava um sofrimento agudo. Decidi não encarar a gélida sala de aula nesse dia. Conseqüentemente convidei minha classe a ir até minha sala de estar pruma sessão informal em minha lareira. Sugestão recebida entusiasticamente.

Depois da sessão um dos meninos, Roberto Grandison, perguntou se poderia permanecer se não tivesse compromisso pro segundo período matutino. Eu lhe disse que ficasse, e bem-vindo. Se sentou numa cadeira confortável diante da lareira e começou a estudar.

Não muito depois Roberto passou a uma cadeira um pouco mais distante da chama recém ateadada. Essa mudança o deixou diretamente oposto ao velho espelho. De minha própria cadeira, noutra parte do quarto, notei como começou a olhar fixamente o vidro escuro, embaçado e, desejando saber o que tanto o interessava, me lembrei de minha própria experiência naquela manhã. Ao passar muito tempo contemplando um franzir de cenho marcou sua fronte.

Afinal lhe perguntei, tranqüilamente, o que chamara sua atenção. Lentamente, e ainda ostentando a pasma carranca, pensou e respondeu cautelosamente:

— É a ondulação no vidro ou tudo o que isso representa, senhor Canevin. Notei que tudo parece vir dum certo ponto. Olhes: Te mostrarei o que quero dizer.

O menino saltou a cima, foi ao espelho e colocou seu dedo num ponto próximo ao canto inferior esquerdo.

— É bem aqui, senhor. — Explicou. Virou pra me olhar e manteve o dedo no local escolhido.

O ato de se virar a mim pode ter feito apertar mais seu dedo contra o vidro. De repente retirou a mão como se com algum esforço e soltou um débil murmúrio de asco: Ai! Então olhou o vidro com evidente mistificação.

— O que aconteceu? — Perguntei me levantando e me aproximando.

— Por que... isto... — Parecia embaraçado. — Isto... eu... senti... Realmente, como algo puxando meu dedo. Parece... hummm... perfeitamente tolo, senhor, mas era uma sensação muito peculiar.

Roberto tinha um vocabulário incomum pra seus quinze anos.

Me aproximei e mandei me mostrar o local exato que apontara.

— Pensarás que eu sou muito tolo, senhor — disse corando —, mas daqui não pude ter certeza. Da cadeira parecia bem claro.

Agora, muito interessado, me sentei na cadeira que Roberto ocupara e olhado o local que selecionou no espelho. Imediatamente algo saltou ante meus olhos. Percebi que daquele exato ângulo todas as ondulações no antigo espelho pareciam convergir como um feixe de cabos estendidos em rede e colhido no meio por uma mão.

Se levantando e cruzando o olhar ao espelho já não pude ver a curiosa mancha. Só de certos ângulos era visível. Olhado diretamente aquela porção do espelho nem mesmo tinha reflexo normal: Não pude ver minha face nele. Obviamente eu tinha um quebra-cabeça secundário nas mãos.

Então o gongo escolar soou e o fascinado Roberto Grandison saiu apressadamente, me deixando só com meu pequeno e estranho problema ótico. Abri as cortinas das janelas, andei no corredor e procurei a mancha no reflexo do espelho da cômoda. A localizei prontamente. Olhei atentamente e pensei ter descoberto novamente algo do movimento. Estirei o pescoço e, afinal, num certo ângulo de visão, a coisa novamente saltou ante meus olhos.

O vago movimento era agora positivo e definido. Parecia um movimento torcional ou giratório. Como um efêmero mas intenso ciclone ou tromba d'água ou uma precipitação de folhas de outono rodopiando num remoinho de vento ao longo dum gramado nivelado. Era, como o da terra, um movimento duplo, rotação e translação, como se as ondulações se vertessem eternamente a algum ponto dentro do vidro. Fascinado e ainda percebendo que a coisa deveria ser uma ilusão ótica, tive uma inequívoca sensação de sucção e pensei na tímida explicação de Roberto:

— Eu sentia como se a coisa sugasse meu dedo.

Repentinamente um leve arrepio percorreu minha coluna vertebral de cima a baixo. Tudo isso valia a pena investigar. E quando me veio a idéia de investigar me lembrei da expressão de frustração de Roberto Grandison quando o gongo o chamou de volta à classe. Me lembrei como olhara atrás sobre o ombro ao sair obedientemente do corredor e decidi que deveria ser incluído em qualquer análise que eu fizesse desse pequeno mistério.

Mas eventos inesperados relacionados ao mesmo Roberto me fizeram logo esquecer o espelho durante algum tempo. Passei toda aquela tarde fora e não voltei à escola até as 5:15h, hora duma assembléia geral na qual a presença dos meninos era compulsória. Faltei a esse compromisso com a idéia de levar Roberto a uma sessão com o espelho e fiquei surpreso e aflito ao ver que estava ausente, algo muito incomum e irresponsável em seu caso. Naquela noite Browne me disse que o menino desaparecera de fato. Uma procura em seu quarto, no ginásio, e em todos os lugares habituais foi infrutífera. Entretanto todo seu pertence, inclusive sua roupa de sair, estavam no lugar costumeiro.

Não fora encontrado no gelo ou com qualquer grupo excursionista que saíra naquela tarde. Todas as chamadas telefônicas aos fornecedores da escola na vizinhança foram vãs. Realmente: Não fora visto desde a última aula, às 2:15h, quando subiu a escada rumo a seu quarto no alojamento número 3.

Então foi dado como desaparecido, o que abalou todo o colégio. Browne, como diretor, teve de suportar todo o peso. E tal ocorrência inédita em sua séria e muito organizada instituição o deixou bem confuso. Estava ciente de que Roberto não voltara à casa dele, na Pensilvânia ocidental, e nenhuma equipe de busca de meninos e mestres achou algum rastro dele na zona rural nevada ao redor da escola. Portanto longe demais pra ser visto. Simplesmente tinha desaparecido.

Os pais de Roberto chegaram na tarde do segundo dia depois do desaparecimento. Suportaram a dor com discrição, mas é claro que estavam abalados com esse desastre inesperado. Browne parecia dez anos mais velho por isso, mas absolutamente nada se poderia fazer. No quarto dia o caso ficou,

na opinião da escola, como um mistério insolúvel. Senhor e senhora Grandison regressaram relutantemente e na manhã seguinte começaram os dez dias de férias natalinas.

Os meninos e mestres partiram com qualquer coisa menos o habitual espírito de feriado. Browne e sua esposa permaneceram, junto com os criados, como meus únicos co-habitantes no grande lugar que sem os mestres e meninos, realmente, parecia uma concha oca.

Naquela tarde me sentei diante de minha lareira pensando na desapareição de Roberto e desenvolvi todo tipo de teoria fantástica pra solucionar o caso. No crepúsculo tive uma enxaqueca e, conseqüentemente, jantei frugalmente. Então, após um animado passeio na vizinhança da concentração de prédios, voltei a minha sala de visita ficando novamente pensativo.

Um pouco depois das dez despertei em minha poltrona, duro e frio, dum cochilo durante o qual eu tinha sido jogado fora. Estava fisicamente abatido, contudo mentalmente desperto por uma sensação peculiar de expectativa e possível esperança. É claro que tinha a ver com o problema que estava me desafiando. Porque eu tinha caído no cochilo distraidamente com uma idéia curiosa e persistente: A estranha idéia de que um vago e dificilmente reconhecível Roberto Grandison tentava, desesperadamente, se comunicar comigo. Fui à cama com uma intuitiva e forte convicção: Dalguma maneira eu estava seguro de que o jovem Roberto Grandison ainda estava vivo.

Que eu seja receptivo a tais coisas não parecerá estranho a quem conhece minha longa estada em Índias Ocidentais e meu íntimo contato ali com eventos inexplicados. Não se estranhará que eu tenha dormido com um desejo urgente de estabelecer algum tipo de comunicação mental com o menino desaparecido. Até mesmo os cientistas mais prosaicos, como Freud, Jung e Adler, afirmam que a mente subconsciente está aberta a impressões externas durante o sono. Entretanto tais impressões raramente são levadas em conta no estado desperto.

Indo um passo a diante e concebendo a existência de forças telepáticas, então tais forças têm forte poder sobre a mente dormente. Portanto, se eu quisesse receber uma mensagem explícita de Roberto seria durante um estágio de sono profundo. Claro que eu poderia perder a mensagem ao despertar mas minha aptidão em reter tais coisas foi refinada por variados tipos de disciplina mental recolhidos em ignotos recantos do globo.

Devo ter caído em sono instantaneamente. Da vivacidade de meus sonhos e ausência de intervalo alerta julgo que meu sono era muito profundo. Eram 6:45h quando despertei e ainda retive certas impressões que sabia terem vindo do mundo de psiquismo onírico. Estranhamente minha mente se encheu com a visão de Roberto Grandison transformado num menino dum escuro azul citrino. Roberto, desesperadamente, tentava se comunicar comigo por meio da fala com uma dificuldade quase insuperável. Uma curiosa parede de isolamento espacial parecia se levantar entre ele e mim, uma parede misteriosa, invisível que nos confundiu completamente.

Eu tinha visto Roberto como se a pouca distância. Mas, estranhamente, parecia estar bem a meu lado ao mesmo tempo. Era maior e menor que na vida real. Seu tamanho, aparente, variando diretamente, em vez de inversamente, à distância quando chegou e se retirou no curso de conversação. Quer dizer, cresceu em vez de diminuir em relação a minha vista quando avançava ou retrocedia, e vice-versa. Como se tivessem sido completamente invertidas as leis de perspectiva em seu caso. Seu aspecto estava embaçado e incerto, como se faltasse silhueta bem definida ou permanente e a anomalia de sua coloração e de sua vestimenta me confundiram totalmente no princípio.

Nalgum ponto em meu sonho o esforço vocal de Roberto finalmente se cristalizou em fala audível, embora uma fala de espessura anormal e estagnada. Durante um instante não pude entender algo que disse. Até mesmo no atormentado sonho meu cérebro procurava uma pista donde ele estava, o que quis contar e por que sua expressão vocal era tão desajeitada e ininteligível. Então, pouco a pouco, comecei a distinguir palavras e frases. As primeiras já bastaram pra lançar meu estado onírico na excitação mais selvagem e estabelecer certa conexão mental que eu não deixara adquirir forma consciente por causa da absoluta inverossimilhança do que previamente implicava.

Não sei quanto tempo escutei essas palavras no intervalo de meu sono profundo mas horas devem ter passado enquanto, estranhamente, o remoto narrador lidava com sua história. De lá foi me revelado uma tal circunstância como não posso querer que outros acreditem sem uma evidência

mais cabal. Contudo eu estava bem preparado a aceitar isso como verdade, tanto no sonho como após o despertar, por causa de meus contatos anteriores com coisas misteriosas. Obviamente o menino estava me olhando no rosto, se movendo num sono receptivo, quando logo sufocou. Durante algum tempo o pude compreender, então iluminou sua expressão e deu sinais de gratidão e esperança.

Toda tentativa de entender a mensagem de Roberto, como essa que martelava em meus ouvidos após um súbito despertar no frio, conduziu esta narrativa a um ponto onde tenho de escolher minhas palavras com o maior cuidado. Tudo em questão é tão difícil de gravar que tendemos a nos debater sem solução. Eu disse que a revelação estabeleceu em minha mente certa conexão que a razão não me deixou formular conscientemente antes. Essa conexão, já não hesito afirmar, tem a ver com o velho espelho de Copenhague cuja impressão de movimento tinha me impressionado tanto na manhã da desapareição, e de cujos contornos ondulatórios e sucção aparente exerceram uma inquietante fascinação em mim e Roberto.

Entretanto, minha consciência exterior tinha rejeitado o que minha intuição gostaria de ter implicado antes. Não poderia rejeitar aquela espantosa concepção durante mais tempo. O que era agora fantasia no conto de Alice¹ me veio como uma realidade séria e imediata. Aquele olhar vítreo possuía uma sucção maligna, realmente anormal. E o locutor lutando em meu sonho esclarecendo até que ponto violou todos os anteriores conhecimentos de experiência humana e todas as leis ancestrais de nossas três dimensões normais. Era mais que um espelho, era um portão, uma armadilha, um vínculo com intervalos espaciais não significativos aos habitantes de nosso universo visível, e só realizável em termos da mais complexa matemática não-euclidiana. E, de modo um pouco ultrajante, Roberto Grandison tinha se escamoteado de nosso conhecimento no vidro e ficara lá emparedado, esperando ser libertado.

É significativo que ao despertar não abriguei dúvida genuína da realidade da revelação. O que realmente captei da conversação com um Roberto transdimensional, em lugar de evocar o episódio inteiro de minha meditação sobre sua desapareição e sobre as velhas ilusões do espelho, era quase certo pra minha natureza mais íntima como qualquer certeza instintiva reconhecida como válida.

A história que assim me foi descortinada tinha caráter inacreditavelmente estranho. Como ficara bem claro na manhã de sua desapareição, Roberto ficou intensamente fascinado pelo antigo espelho. Durante todo o período letivo tinha em mente voltar a minha sala de visita e examinar o objeto. Quando chegou, no fim do dia letivo, um pouco depois de 2:20h, eu estava na cidade. Percebendo minha ausência e sabendo que eu não notaria, entrou em minha sala de visita e foi direto ao espelho, se postando diante dele e estudando o lugar onde, como notáramos, as ondulações pareciam convergir.

Repentinamente foi tomado por um desejo de colocar a mão nesse centro ondulatório.

Quase relutando, contra seu bom-senso, agiu assim. Ao estabelecer contato sentira a estranha sucção, quase dolorosa, que o desconcertara naquela manhã. Imediatamente, sem aviso mas com um violento puxão que parecia torcer e rasgar todo osso e músculo e inchar, espremer e cortar todo nervo, foi abruptamente sugado.

Chegando ali a torturante tensão nervosa em todo seu organismo se manifestou de repente. Sentia, disse, como se há pouco tivesse nascido. Um sentimento que se tornava evidente toda vez que tentava fazer algo: Caminhar, se inclinar, virar a cabeça ou falar. Todo seu corpo parecia desajustado.

Essas sensações desapareceram depois dum longo tempo e o corpo de Roberto se tornou um todo organizado em vez de várias partes conflitantes. De todas as formas de expressão, falar continuou sendo a mais difícil. Certamente porque é complexa e usa vários órgãos, músculos e tendões. Por outro lado, os pés de Roberto foram os primeiros elementos a se ajustar à nova condição dentro do vidro.

¹ Se referindo a Alice através do espelho, de Lewis Carrol.

Na manhã matutei o quebra-cabeça. Relacionando tudo que vi e ouvi rejeitei o ceticismo natural dum homem de bom-senso e concebi planos pra resgatar Roberto de sua incrível prisão. Quando fiz isso vários pontos então desconcertantes ficaram claros ou, pelo menos, mais lúcidos pra mim.

Havia, por exemplo, a questão da coloração de Roberto. Sua face e mãos, como indiquei, eram dum tipo de azul escuro esverdeado esmaecido. E posso acrescentar que sua comum jaqueta Norfolk azul tinha passado a um amarelo-limão pálido enquanto sua calça comprida permaneceu cinza neutro como antes. Pensando nisso, depois de acordar, aproveitei a circunstância de encerramento aliada à inversão de perspectiva que fez Roberto parecer maior se afastando e menor se aproximando. Aqui também havia uma reversão física: Pra todo detalhe de sua coloração na dimensão desconhecida o exato oposto ou complemento cromático correspondia ao que era em vida normal. Em física as cores complementares básicas são azul e amarelo, vermelho e verde. Esses pares são opostos e, quando misturados, resultam em cinza. A cor natural de Roberto era uma pele meio rosada, cujo oposto é o azul citrino que vi. Seu casaco azul tinha ficado amarelo enquanto a calça comprida cinza permaneceu cinza. Esse ponto posterior me confundiu até que me lembrei que aquele cinza é uma mistura de opostos. Não há oposto ao cinza, ou melhor, é seu próprio oposto.

Outro ponto claro era o pertinente à voz estranhamente grossa e abafada de Roberto, bem como ao geral mau-jeito e sensação de desajuste físico das partes das quais se queixava. Isso, no início, realmente era um quebra-cabeça. Entretanto, depois de pensar bastante, encontrei a pista. Eis, novamente, a mesma inversão de perspectiva e coloração. Qualquer um na quarta dimensão, necessariamente, seria invertido somente desse modo: Mãos e pés, como também cores e perspectivas, sofrendo mutação simétrica. Seria o mesmo com todos os outros órgãos duplos como narinas, orelhas e olhos. Assim Roberto teria falado com uma língua invertida, dentes, cordas vocais e órgãos vocais semelhantes. De forma que sua dificuldade em expressão vocal me deixou um pouco admirado.

No despontar da manhã meu senso de ampla realidade e louca urgência da situação de revelação onírica aumentou em vez de diminuir. Cada vez mais eu sentia que algo devia ser feito. Contudo percebi que eu não poderia buscar conselho ou ajuda. Numa história como a minha uma convicção baseada no mero sonhar nada poderia me trazer de verossímil, apenas zombar ou suspeitar de meu estado mental. Realmente, o que eu poderia fazer, amparado ou desamparado, com os poucos dados operacionais que minha impressão noturna fornecera? Devo, reconheci finalmente, obter mais informação antes de pensar num plano pra resgatar Roberto. O que só poderia se passar na condição receptiva de sono e que me encorajou a refletir sobre isso. Como era altamente provável, meu contato telepático foi retomado no momento em que novamente caí em sono profundo.

Passsei dormindo aquela tarde, depois dum almoço no meio-dia a qual, por rígido autocontrole, consegui esconder de Browne e sua esposa os tumultuosos pensamentos que me chocaram. Com dificuldade mantive meus olhos fechados quando uma turva imagem telepática começou a aparecer. E logo percebi, em minha infinita excitação, que era idêntica à que vira antes. Mais que isso: Era mais distinto. Quando começou a falar me senti capaz de captar mais palavras.

Durante esse sono confirmei a maioria das deduções matinais. Entretanto a entrevista fora misteriosamente suprimida antes de meu despertar. Roberto parecera apreensivo logo antes da comunicação cessar, mas já tinha me dito que em sua estranha prisão tetradimensional as cores e as propriedades espaciais realmente estavam invertidas: Preto virar branco, distância que aumenta a dimensão aparente, e assim a diante.

Também informara que, mesmo em plena posse da aparência física e sentidos, as mais vitais propriedades humanas pareciam estranhamente suspensas. A nutrição, por exemplo, era desnecessária. Fenômeno realmente mais singular que a onipresente inversão de objetos e propriedades. Subseqüentemente era um racional e matematicamente específico estado de coisas. Outra parte significativa da informação era que a única saída do vidro ao mundo era o a via de entrada, mantida permanentemente barrada e hermeticamente fechada, tão remota quanto o egresso temia que estivesse.

*Naquela noite recebi outra visita de Roberto. Nem deu tais impressões, recebidas a intervalos ímpares enquanto eu dormia sugestionado, interrompidas durante todo o período de seu

encarceramento. Seu esforço pra se comunicar era desesperado e, freqüentemente, lamentável. Às vezes o contato telepático se debilitava, enquanto noutras vezes fadiga, excitação ou medo de interrupção dificultava e engrossava sua voz. Posso narrar muito bem uma seqüência contínua de tudo aquilo que Roberto me disse ao longo de toda a série de efêmeros contatos mentais, talvez suprimindo certos pontos com fatos diretamente relacionados após sua libertação. A informação telepática era fragmentária e, freqüentemente, quase inarticulada, mas a estudei repetidas vezes durante os intervalos despertos de três intensos dias. Classificando e ponderando, com diligência febril, passei a questionar se o rapaz seria devolvido a nosso mundo.

A região tetradimensional na qual Roberto estava não era, como num romance de ficção científica, um reino desconhecido e infinito de visões estranhas e habitantes fantásticos mas tinha muito duma projeção de certas partes limitadas de nossa própria esfera terrena dentro duma estranha e, geralmente, inacessível faceta ou vetor espacial. Era um mundo curiosamente fragmentário, intangível, e heterogêneo. Uma série de cenas aparentemente dissociadas onde se fundem indistintamente uma na outra. Seus detalhes constituintes tinham uma natureza obviamente diferente dos dum objeto sugado pelo antigo espelho quando Roberto fora sugado. Essas cenas eram como sonhos panorâmicos ou imagens caleidoscópicas, miragens das quais o menino realmente não era uma parte, mas que formavam um tipo de fundo panorâmico ou ambiente etéreo contra o qual ou entre o qual se movia.

Não pôde tocar alguma das partes dessas cenas: Paredes, árvores, mobília, e similares. Se era assim porque eram verdadeiramente imateriais ou porque sempre retrocediam a sua aproximação estava singularmente impossibilitado de determinar. Tudo parecia fluido, mutável e irreal. Quando caminhava parecia estar em qualquer superfície mais baixa a cena visível que poderia ter chão, caminho, gramado verde, ou tal. Mas, em última análise, sempre achava que o contato era ilusão. Nunca havia diferença na força resistente encontrada por seus pés e mãos quando se inclinava experimentalmente. Não importa o que poderia estar envolvido na aparente mudança da superfície. Não pôde descrever esse alicerce ou plano limite no qual andava como algo mais definido que uma pressão virtualmente abstrata equilibrando seu centro gravidade. De precisa sensibilidade tátil nada tinha mas, em compensação, parecia haver um tipo de força levitacional restrita que propiciava transferência de altitude. De fato nunca poderia escalar degrau, contudo podia caminhar subindo gradualmente.

A passagem duma cena definida a outra envolvia um tipo de vôo livre numa região sombreada ou mancha borrada onde os detalhes de cada cena se encaixam curiosamente. Toda perspectiva era distinguida pela ausência de objetos passageiros e o aparecimento indefinido ou ambíguo de objetos semi-passageiros como mobília ou detalhes de vegetação. A iluminação de toda a cena era difusa e desconcertante e, claro, o esquema de cores invertido: Grama vermelha luminosa, céu amarelo com confusas formas de nuvens negras e cinzas, troncos de árvore brancos e paredes de tijolo verdes, dava a tudo um aspecto incrivelmente grotesco. Havia uma alternância entre dia e noite que se manifestava como uma inversão das horas normais de luz e escuridão em qualquer ponto na Terra onde o espelho estivesse pendurando.

Essa diversidade, aparentemente irrelevante, das cenas confundiu Roberto até que percebeu que incluíam apenas os lugares continuamente refletidos durante longos períodos no antigo vidro. Isso também explicava a estranha ausência de objetos passageiros, os limites geralmente arbitrários de visão e o fato de que todo o exterior foi emoldurado pelos esboços de portas ou janelas. O vidro, parece, pode ter servido pra acumular essas cenas intangíveis por longa exposição. Entretanto nunca poderia absorver qualquer coisa corpórea, como aconteceu a Roberto, exceto por um processo muito diferente e particular.

Ao menos pra mim, o aspecto mais incrível do bizarro fenômeno era a escabrosa subversão de nossas costumeiras leis espaciais envolvidas na relação de várias cenas ilusórias às atuais regiões terrenas representadas. Falei do vidro como acumulando as imagens dessas regiões mas essa, realmente, é uma definição inexata. Na verdade cada uma das cenas especulares formava uma verdadeira e quase permanente projeção tetradimensional da região mundana correspondente, de modo que sempre que Roberto ia a alguma parte de certa cena, como quando ia à imagem de meu

quarto enviando suas mensagens telepáticas, estava de fato naquele lugar, isto é, em terra, entretanto sob condições espaciais que cortavam toda comunicação sensorial, em qualquer direção, entre ele e o aspecto tridimensional vigente no local.

Hipoteticamente falando, o prisioneiro no vidro podia, nalguns momentos, ir a qualquer lugar em nosso mundo. Qualquer lugar que alguma vez tenha sido refletido na superfície do espelho. Isso, provavelmente, aplicado até mesmo a lugares onde o espelho nunca fora pendurado seria o bastante pra produzir uma nítida cena ilusória. A região terrena era representada, então, por uma zona de sombra mais informe. Fora das cenas bem definidas havia um desgaste aparentemente ilimitado de sombra cinza neutra sobre o qual Roberto nunca poderia ter certeza e no qual nunca ousou vaguear além pra não ficar desesperadamente perdido nos reais e especulares mundos similares.

Entre os apressados pormenores que Roberto deu havia o fato de não estar solitário na prisão. Vários outros, todos em traje antigo, estavam lá com ele: Um corpulento cavalheiro de meia-idade com trança amarrada e calção aveludado que falava inglês fluente com forte sotaque escandinavo, uma menina pequena, muito bonita, com cabelo muito louro na forma dum lustroso azul escuro, dois negros aparentemente mudos cujas características contrastavam grotescamente com a palidez de sua pele cromaticamente invertida, três homens jovens, uma mulher jovem, uma criança muito pequena, quase um bebê e um esquelético ancião dinamarquês de aspecto extremamente distinto e com uma espécie de intelectualidade meio maligna no semblante.

Esse último indivíduo se chamava Axel Holm, trajando calção justo² de cetim, casaco de borda brilhante e volumosa e bem assentada peruca cuja idade remonta a mais de dois séculos. Era ilustre na pequena região como sendo o responsável pela presença deles todos. Era que, versado tanto nas artes de magia quanto de vidraçaria, tinha formado essa prisão estranha dimensional há muito tempo, na qual ele, seus escravos e esses a quem escolheu convidar ou atrair até lá eram permanentemente emparedados enquanto o espelho pudesse suportar.

Holm nasceu no começo do século 17 e teve muita competência e sucesso no comércio de soprador e moldador de vidro em Copenhague. Seu vidro, especialmente na forma de grande espelho de sala de visita, sempre estava em destaque. Mas a mesma mente pujante que fez dele o primeiro vidraceiro de Europa serviu pra direcionar seu interesse e ambição além da esfera de mera habilidade material. Estudara o mundo ao redor e se aborreceu com a limitação de capacidade e conhecimento humanos. Eventualmente procurou modos obscuros de superar essa limitação e ganhou mais sucesso que o apropriado a qualquer mortal. Aspirara desfrutar algo como a eternidade, e o espelho era sua ferramenta pra alcançar esse fim. O sério estudo da quarta dimensão estava longe de começar com Einstein em nossa era e Holm, mais que erudito em todos os métodos de sua época, sabia que uma entrada pessoal naquela faixa espacial escondida lhe impediria de morrer na sensação física ordinária. Uma investigação lhe mostrou que a teoria da reflexão indubitavelmente modela a entrada principal a todas as dimensões além da nossa familiar tri e a sorte lhe colocou nas mãos um pequeno vidro muito antigo cujas propriedades secretas acreditava que pudesse virar o jogo. Uma vez *dentro* do espelho, de acordo com o método que idealizara, sentiria aquela *vida* na sensação de forma e consciência virtualmente pra sempre, contanto que o espelho fosse preservado indefinidamente de rompimento ou deterioração.

Holm fez um espelho magnífico que seria valorizado e cuidadosamente preservado. E nisso agilmente fundiu a estranha relíquia de forma espiralada que adquirira. Tendo preparado seu refúgio e armadilha assim, começou a planejar seu modo de entrada e condição de aluguel. Teria consigo serventes e companheiros. E como estréia experimental enviou antes de si ao vidro dois escravos negros de confiança trazidos de Índias Ocidentais. Que sensação teve ao ver essa primeira demonstração concreta de sua teoria só a imaginação pode conceber.

Indubitavelmente um homem com sua sabedoria percebe a ausência do mundo exterior, embora transferido além do simples transcórrer de vida dos de dentro, deve significar instantânea dissolução na primeira tentativa de voltar àquele mundo. Mas, salvo aquele contratempo ou uma ruptura

² Usado no século 18

acidental, os internos sempre permaneceriam como eram na hora de entrada. Nunca ficariam velhos nem precisariam de comida e bebida.

Pra fazer sua prisão mais tolerável enviou à frente certos livros e materiais de escritório, uma cadeira e mesa artesanais mais robustas e outros acessórios. Soube que as imagens que o vidro refletiria ou absorveria seriam intangíveis, mas somente se estenderia a seu redor como um fundo onírico. Sua própria transição, em 1687, foi uma dura experiência e há de ter sentido um misto de triunfo e pavor. Se qualquer coisa tivesse saído errado havia a horrível possibilidade de se perder na escuridão de inconcebíveis dimensões múltiplas.

Durante mais de cinquenta anos estivera impossibilitado de fazer qualquer acréscimo à pequena empresa de si mesmo e escravos, mas, mais tarde, aperfeiçoara seu método telepático de visualizar pequenas seções do mundo externo perto do vidro e atraindo certos indivíduos nessas áreas pela estranha entrada do espelho. Assim Roberto, querendo forçar a porta, fora atraído adentro. Tais visualizações dependiam completamente de telepatia. Ninguém dentro do espelho poderia ver o exterior, o mundo dos homens.

Era, na verdade, uma vida estranha a que Holm e sua companhia tinham dentro do vidro. Desde então o espelho ficara completamente abandonado, durante um século, com sua face voltada à empoeirada parede de pedra do abrigo onde o achei. Roberto foi o primeiro ser a entrar nesse limbo após esse intervalo. Sua chegada foi um evento de gala porque trouxe notícia do mundo exterior, o que deve ter causado grande espanto ao mais pensativo dos de dentro. Ele, na volta, jovem como era, inevitavelmente sentiu a fantasmagoria de se reunir e falar com pessoas que estavam vivas nos séculos 17 e 18.

A mórbida monotonia da vida dos prisioneiros só pode ser vagamente conjecturada. Como mencionei, sua variedade de extensão espacial era limitada a lugares que tinham sido refletidos no espelho durante longos períodos. E muitos desses locais se escureceram e ficaram estranhos quando o clima tropical atacou a superfície. Certos locais eram luminosos e bonitos e nesses a companhia costumava se juntar. Mas nenhuma cena poderia agradar totalmente, pois todos os objetos visíveis eram irreais e intangíveis e, freqüentemente, de esboço desconcertantemente indefinido. Quando os tediosos períodos de escuridão chegavam o costume geral era se deliciar em recordação, reflexão ou conversação. Cada elemento daquele estranho e patético grupo retivera sua personalidade inalterada e inalterável, já que fica imune aos efeitos temporais do espaço exterior.

O número de objetos inanimados dentro do vidro, aparte a roupa dos prisioneiros, era muito pequeno, sendo limitados, em grande parte, aos acessórios que Holm provera pra si. Os demais igualmente sem mobília, desde que sono e fadiga desapareceram junto com outros atributos vitais. Tais coisas inorgânicas ali presentes pareciam isentas da decadência, assim como os seres vivos. As mais inferiores formas de vida animal estavam ausentes.

Roberto deve a maioria da informação a Herr Thiele, o cavaleiro que falava inglês com sotaque escandinavo. Esse digno dinamarquês me incitava a imaginação e falava muito. Os outros também o receberam com cortesia e benevolência. O próprio Holm parecia bem-disposto e tinha lhe falado sobre vários assuntos, inclusive a porta da armadilha.

O menino, como me disse depois, era sensato o bastante pra nunca tentar comunicação comigo quando Holm estava perto. Duas vezes, fazendo isso, vira Holm aparecer e se interrompeu imediatamente. Em nenhum momento pude ver o mundo atrás da superfície do espelho. A imagem de Roberto, que incluía sua forma corporal e o respectivo vestuário era, como a imagem auricular de sua voz sufocada e como me via, um caso de transmissão puramente telepática. Não envolvia verdadeira visão interdimensional. Porém, Roberto era um telepata treinado como Holm e poderia ter transmitido imagens consistentes separadas de sua pessoa adjacente.

Ao longo desse período de revelação eu tentava, desesperadamente, achar um jeito de libertar Roberto. No quarto dia, nono depois da desapareição, achei uma solução. Afinal de conta meu plano não era tão complexo. Mas não pude antecipar como agiria enquanto temesse a possibilidade dum deslize desastroso. Esse processo dependia, basicamente, do fato de não haver saída possível de dentro do vidro. Se Holm e seus prisioneiros estivessem permanentemente encerrados hermeticamente, então a libertação teria que vir toda de fora. Outras considerações incluíram a

disposição dos outros prisioneiros, se algum sobrevivesse e, especialmente, de Axel Holm. O que Roberto me contou sobre ele era tudo menos tranquilizador. Certamente eu não o queria solto em meu apartamento, livre pra fazer suas maldades no mundo mais uma vez. As mensagens telepáticas não esclareciam direito o efeito da libertação nos que estavam no vidro há tanto tempo.

Entretanto havia um último, porém menor, problema no caso de sucesso: O de Roberto voltar à rotina escolar sem ter explicado o inacreditável. No caso de fracasso seria desaconselhável ter testemunha da missão de libertação e, fora isso, eu não podia me referir aos verdadeiros fatos, mesmo se tivesse êxito. Até mesmo pra mim a realidade parecia uma loucura sempre que eu ponderava os fatos tão coercitivamente expostos naquela série onírica.

Quando refleti sobre esses problemas até onde era possível, peguei uma grande lupa no laboratório escolar e estudei minuciosamente cada milímetro quadrado daquela espiral central que, presumivelmente, marcava a dimensão do antigo espelho original usado por Holm. Até mesmo com essa ajuda não pude localizar com precisão o limite exato entre a antiga área e a superfície adicionada pelo mago dinamarquês, mas, depois, um exaustivo estudo definiu um limite oval conjectural que esbocei com precisão com um lápis azul de ponta macia. Então fiz uma viagem a Estandorpe, onde arranjei uma pesada ferramenta corta-vidro. Minha idéia inicial era remover o antigo e magicamente potente espelho de sua mais recente posição.

O próximo passo era achar a melhor hora do dia pra realizar a experiência crucial. Finalmente escolhi 2:30h da manhã, tanto por ser um bom momento pra trabalho ininterrupto quanto ser o oposto de 2:30h da tarde, provável momento da entrada de Roberto ao espelho. Essa forma de oposição pode não ter sido pertinente mas eu sabia, pelo menos, que a hora escolhida era tão boa quanto qualquer outra, talvez melhor que a maioria.

Finalmente decidi trabalhar no amanhecer do décimo primeiro dia após a desapareição, tendo desenhado todos os tons de minha sala de visita e fechado a porta do corredor. Continuando com ofegante cautela a linha elíptica localizei, tracei ao redor da seção espiral com minha ferramenta cortante de aço giratória. O antigo vidro, com meia polegada de espessura, crepitou quebradiço sob a firme e uniforme pressão. Ao completar o giro cortei ao redor novamente e raspei o cilindro mais profundamente no vidro.

Então, cuidadosamente, ergui o pesado espelho pelo pedestal e o apoiei com a face interna contra a parede, forçando duas das tábuas finas e estreitas pregadas na traseira. Com igual precaução dava violentas estocadas no espaço ao redor com a pesada manivela de madeira do corta-vidro.

Na primeira pancadinha o pedaço de vidro contendo a espiral caiu no tapete de Bokhara. Eu não sabia o que aconteceria, mas alguma coisa foi me animando e me deixou numa involuntária respiração ofegante. Então me ajoelhei por comodidade. Minha face bem perto da abertura recentemente feita. Ao tomar fôlego minhas narinas inalaram um forte odor de poeira. Um cheiro incomparável, que nunca senti antes. Então tudo a meu alcance de visão se converteu, de repente, num cinza fosco antes de minha vista falhar enquanto me sentia dominado por uma força invisível que me roubou a vitalidade muscular.

Me lembro de pegar debilmente e sem êxito a extremidade da mais próxima cortina de janela e a senti rasgando e soltando da parede. Então afundei lentamente no chão com a escuridão do olvido passando encima de mim.

Quando recuperei a consciência estava estirado no tapete de Bokhara com as pernas misteriosamente apoiadas no ar. O quarto estava cheio daquele horrendo e inexplicado cheiro de poeira. Como meus olhos começaram a captar imagens definidas vi que Roberto Grandison estava em minha frente. Era ele, totalmente de carne e com coloração normal, que segurava minhas pernas no alto pra devolver o sangue a minha cabeça como o curso de pronto-socorro da escola lhe tinha ensinado a fazer com pessoa desfalecida. Num instante emudeci pelo odor sufocante e por uma confusão que logo se fundiu numa sensação de triunfo. Então me senti capaz de me mover e falar calmamente.

Tentei elevar uma mão e acenar cumprimentando Roberto.

— Certo, meu velho. — Murmurei — Podes abaixar minhas pernas agora. Muito obrigado. Acertei novamente, acho. Era o cheiro, imagino. Isso me pegou. Abras aquela janela mais distante,

por favor, a larga, do fundo. Isso é tudo. Obrigado. Não. Deixes a sombra embaixo, do jeito que estava.

Lutei com meus pés, minha circulação transtornada se ajustando em ondas, e permaneci verticalmente suspenso na traseira duma cadeira grande. Eu ainda estava grogue, mas uma lufada de ar fresco dolorosamente frio da janela me reavivou rapidamente. Me sentei na cadeira grande e vi Roberto caminhando até mim. Eu disse apressadamente.

— Primeiro me digas, Roberto: Esses outros... Holm. O que aconteceu a eles quando abri a saída?

Roberto interrompeu sua caminhada no quarto e me olhou com gravidade. Então disse solenemente.

— Os vi diminuir no vazio, senhor Canevin E, com eles, tudo. Nada mais há dentro, senhor. Agradeço a Deus e a ti, senhor!

E o jovem Roberto, se rendendo, afinal, à tensão contínua que tinha agüentado durante esses onze terríveis dias, repentinamente se abaixou como uma criancinha e começou a se lamentar histericamente em grandes, sufocados e secos soluços.

O amparei e o recostei suavemente em meu divã, lhe coloquei um poncho³, me sentei a seu lado, o acalmei passando a mão na testa e lhe disse ternamente:

— Leves isso, meu velho.

A súbita e muito natural histeria do menino passou, tão depressa quanto viera, quando lhe reiterei meus planos pra sua tranqüila volta à escola. O interesse na situação e a necessidade de esconder a incrível verdade sob uma explicação racional extinguiu sua agitação como eu esperava. Então se levantou impacientemente, contou os detalhes de sua libertação e ouviu as instruções que eu planejara. Parece que estivera na *área projetada* de meu quarto quando abri a saída e emergi naquele verdadeiro quarto, quase não percebendo que estava *fora*. Ao ouvir uma queda na sala de estar se precipitou até lá e me encontrou no tapete num desmaio encantado.

Devo mencionar apenas brevemente meu método de restabelecer Roberto dum modo aparentemente normal. Como o escamoteei janela a fora com um chapéu velho e suéter meus, o levei até a estrada partindo silenciosamente em meu carro, o ensaiei cuidadosamente numa estória que inventei e voltei pra despertar Browne com as notícias da descoberta de Roberto. Estava, expliquei, caminhando solitário na tarde da desapareição. Dois homens jovens que, gracejando e ante os protestos de que não poderia ir a lugar mais distante que Estanford e voltar, o levaram de volta à cidade. Saltou do carro durante uma parada de tráfego com a intenção de voltar a pé enquanto o incitavam a voltar e foi atropelado por outro carro no instante em que o tráfego foi liberado, despertando dez dias depois em Greenwich, na casa das pessoas que o atropelaram. Ao saber a data, acrescentei, telefonei à escola imediatamente. Sendo eu o único que estava acordado, respondi à chamada e corri pra o buscar em meu carro, sem parar pra avisar alguém.

Browne, que imediatamente telefonou aos pais de Roberto, aceitou minha história sem questionar e evitou interrogar o menino por causa do óbvio esgotamento subsequente. Ficou combinado que deveria permanecer na escola pra descansar, sob o hábil cuidado da senhora Browne, experiente enfermeira formada. Claro que o vi durante o restante das férias de Natal e pude preencher certas lacunas em sua fragmentária história onírica.

De vez em quando quase duvidávamos da realidade do que acontecera. Querendo saber se ambos compartilhamos uma monstruosa ilusão nascida do reluzente hipnotismo do espelho e se o conto do passeio e acidente não são, afinal de conta, a realidade. Mas sempre que fizemos assim recuperaremos a convicção nalguma formidável e assombrosa memória. Comigo da forma onírica de Roberto e sua voz grossa e cores invertidas. Com ele de todo o esplendor fantástico de pessoas antigas e cenas funéreas que testemunhara. E então havia analogia com a lembrança daquele detestável odor poeirento. Sabíamos o que significava: A dissolução imediata dos que entraram a uma dimensão alienígena há mais de um século.

³ Em todos os dicionários *rug* só consta como *tapete*, *alfombra*. Uma busca a imagem no Google mostrou, nesta figura, *Chey in the rug*, que é também poncho.

Além do mais há duas linhas de evidência, pelo menos, bem mais positivas. Uma das quais vem de minhas pesquisas nos anais dinamarqueses sobre o feiticeiro Axel Holm. Como indivíduo, realmente, deixou muitos traços no folclore e registros escritos. E diligentes pesquisas em bibliotecas e conferências com dinamarqueses instruídos derramaram muito mais luz em sua má fama. No momento só preciso dizer que o soprador de vidro de Copenhague, nascido em 1612, era um luciferino notório cujas perseguições e final desaparecimento foram assunto de espantoso debate há mais de dois séculos. Tinha ardente desejo de saber todas as coisas e dominar todo limite do gênero humano. Pra tal finalidade investigara profundamente campos ocultos e proibidos desde que era criança.

Era habitualmente adepto duma confraria da temida bruxaria e a vasta tradição da antiga mitologia escandinava com o astuto Loki e o amaldiçoado lobo Fenris, era, pra ele, um livro aberto. Tinha estranhos interesses e objetivos, poucos dos quais eram definitivamente conhecidos mas alguns dos quais foram reconhecidos como intoleravelmente maus. Consta que seus dois ajudantes negros, originalmente escravos de Índias Ocidentais Dinamarquesas, ficaram mudos após serem adquiridos por ele e que os desaparecidos não queriam mais que sua própria desaparecimento do alcance de vista da humanidade.

Chegando o fim duma já longa vida a idéia dum vidro da imortalidade deve ter lhe ocorrido. Que adquirira um espelho encantado de inconcebível antigüidade era um assunto de cochicho popular. Supôs-se que o furtara dum colega feiticeiro que lho confiara pra polir.

Esse espelho, segundo contos populares um troféu tão potente a seu modo como a notória égide de Minerva ou o martelo de Tor, era um pequeno objeto oval chamado **vidro de Loki**, feito dalgum mineral polido fundível e tendo propriedades mágicas que incluíam a adivinhação do futuro imediato e o poder de revelar os inimigos do dono. Que tinha propriedades potenciais mais profundas realizáveis nas mãos dum mago erudito nenhuma pessoa comum duvidava. Até mesmo as pessoas educadas davam uma terrível importância aos boatos de que Holm o tentava incorporar a um vidro maior de imortalidade. Então ocorreu a desaparecimento do mago, em 1687, e a venda final e dispersão de seu bem entrou numa crescente névoa de lendário fantástico. Era tudo apenas um conto ridículo se não se possuísse alguma chave específica. Contudo, me lembrando dessas mensagens oníricas e tendo a corroboração de Roberto Grandison antes de mim, confirmei todas as desnorteantes maravilhas que se desdobraram.

Mas como eu disse, há outra linha de evidência bem positiva, de caráter muito diferente, a minha disposição. Dois dias depois de sua libertação, à medida que Roberto melhorava muito em força e aparência, estava colocando lenha em meu fogo da sala de estar, notei certo desajeitamento em seu movimento e fui acometido por uma idéia persistente. O chamei até minha escrivania e lhe pedi, de repente, que apanhasse um tinteiro. Me surpreendi ao notar que, apesar da destreza vitalícia, obedeceu inconscientemente com a mão esquerda. Sem o alarmar pedi, então, que desabotoasse o casaco e me deixasse ouvir o batimento cardíaco. O que achei ao auscultar o tórax, e o que não lhe contei depois, durante algum tempo, era que seu coração batia no lado direito.

Entrara ao vidro destro e com cada órgão na posição normal. Agora era canhoto e com os órgãos invertidos e continuaria, indubitavelmente, assim ao resto da vida. Obviamente, a transição dimensional não foi ilusão. Essa mudança física era tangível e inconfundível. Tinha lá uma saída natural do vidro. Provavelmente Roberto sofreu uma re-reversão completa e teria emergido em normalidade perfeita, como realmente o padrão cromático de seu corpo e vestuário emergiram. Mas na natureza forçada de sua libertação, indubitavelmente, algo saiu errado. De modo que a dimensão já não tinha chance de se corrigir como as ondas cromáticas.

Eu não tinha aberto apenas a armadilha de Holm. A tinha destruído. E na fase particular de destruição marcada pela fuga de Roberto algumas propriedades reversas tinham se deteriorado. É significativo que na fuga Roberto não sentira dor comparável à que experimentara entrando. Se a destruição ainda tivesse sido mais súbita, eu tremia só de pensar nas aberrações cromáticas que o menino fora forçado a suportar. Posso acrescentar que depois de descobrir a inversão de Roberto examinei o amarrotado e descartado vestuário que usara no vidro, e achei, como esperava, uma reversão completa de bolso, botão e todos os outros detalhes correspondentes.

Neste momento o vidro de Loki, exatamente como caiu em meu tapete de Bokhara do agora consertado e inofensivo espelho, pesa sobre um maço de papel em minha escrivaninha aqui em São Tomás, venerável capital de Índias Ocidentais Dinamarquesas, agora Ilhas Virgens americanas. Vários colecionadores do antigo vidro de Sanduíche⁴ o confundiram com uma curiosa peça daquele primitivo produto ianque mas imagino que meu peso de papel é uma antigüidade de extrema sutileza e da mais paleogênea⁵ arte. Até agora não desiludi esses entusiastas.

⁴ Sanduíche, Massachusets, tradicional produtora de vidro fino.

⁵ Paleogêneo (ordoviciano): Segundo período da era paleozóica, que se estendeu de 500 milhões a 435 milhões de anos atrás